

CAPÍTULO VIII

JOSÉ RIBEIRO DE FARIAS: A HISTÓRIA DE UM LÍDER

JOSÉ LUCIANO DE QUEIROZ AIRES
& FAUSTINO TEATINO CAVALCANTE NETO

- GENEALOGIA & HERANÇA POLÍTICA
 - PESSSEDISMO POPULISTA
- A REDEMOCRATIZAÇÃO - ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1947
 - 1950: JOSÉ RIBEIRO DEPUTADO
 - VITÓRIA SEGUIDA DE RACHA - 1951
 - 1954: SEGUNDA DEPUTAÇÃO DE JOSÉ RIBEIRO
 - PACIFICAÇÃO APARENTE
- A “BARAÚNA DO CARIRI” DE NOVO NA ASSEMBLÉIA
 - 1960: JOSÉ RIBEIRO FIEL A RUI CARNEIRO
 - DESPEDINDO-SE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
 - MILITÂNCIA EMEDEBISTA E DITADURA MILITAR
 - DÉCADA DE 1980: ÚLTIMAS ELEIÇÕES & MORTE

GENEALOGIA E HERANÇA POLÍTICA — José Ribeiro de Farias descende genealogicamente do Alferes Manuel de Farias Castro, o primeiro membro desta família a radicar-se, em 1797, no sítio Batalhão, onde gerou larga ramificação familiar, responsabilizando-se também pela formação do núcleo que mais tarde viria a ser Taperoá.

Era primo e cunhado do capitão homônimo do primeiro, sendo a este (falecido em 1909) aplicado o título de fundador do povoado e Vila de Batalhão.

Era o primeiro dos dez filhos do coronel Pedro Alves de Farias Nóbrega e de Júlia Ribeiro de Barros Farias. Nasceu em 9 de junho de 1908, na Vila do Batalhão, atual Taperoá, onde seu pai era proprietário de terra e de casas, além de ativo comerciante e Coletor Federal.

Politicamente, seu genitor acompanhava o governo alvarista, ao lado do Dr. Félix Daltro, que dirigiu a vida política do lugar até 1912, por ocasião de seu falecimento, quando então, Pedro de Farias herda esta incumbência até o pós-“Revolução” de 1930. Com seu falecimento, o comando passou a seu parente, Raimundo Rangel de Farias, que chefiou o município sob confiança do interventor estadual Gratuliano Brito.

Foram destes que a “Baraúna do Cariri”, como assim ficou conhecido José Ribeiro de Farias no cenário político estadual,



*O DEPUTADO E LÍDER TAPEROAENSE
JOSÉ RIBEIRO DE FARIAS*



*JOSÉ RIBEIRO DE FARIAS PRESTIGIANDO O MISSIONÁRIO
FREI DAMILÃO DE BOZZANO, EM VISITA A TAPEROÁ.*

recebeu influência e herdou a arte da vida pública, o principal objetivo de sua vida, chegando, inclusive, a **abdicar do direito** de constituir família, pois alegava que **a sua era o povo** taperoaense.

PESSEDISMO POPULISTA — José Ribeiro herdou do pai não apenas a arte da vida pública, mas também o substituiu na profissão federal. Aos 24 anos de idade, era coletor em Batalhão, o que o fez conhecido no meio do comércio. Era estimado pelos munícipes, que encontravam nele a pessoa dos acordos, não os sufocando com acirrados impostos. Ficou ele também com a incumbência de efetuar o abono familiar enviado pelo governo federal via coletoria. Isso favoreceu seu prestígio social, somado ao fato de, desde o início de 1940, o Cartório de Registro Civil encontrar-se sob o comando de parentes seus.

Jean Blondel apresenta José Ribeiro como chefe político que adquiriu prestígio e popularidade através do Cartório, que o tornou rapidamente conhecido junto aos camponeses que necessitavam dos registros cartoriais e eram ouvidos nos diversos assuntos, uma vez que era visto como competente. Dependia ainda dele o alistamento de grande número de pessoas, exercendo assim sua ação em favor do povo humilde.

Foi relevante o papel destas instituições para que José Ribeiro conquistasse o prestígio e a segurança daquele povo, prestígio que perdura até os dias atuais, mesmo com ele já falecido.

Informou-nos D. Ceci Moura Padilha Carvalho, esposa de Rivaldo Vilar, pessedista de Livramento, que certa vez teve que se consultar com o Dr. Osório Abath, em João Pessoa. E, perplexa diante de numerosos clientes trazidos por Zé Ribeiro, para ali se consultarem, interpelou: “— Doutor, Zé Ribeiro paga todas essas consultas?” “— Todas” — respondeu o médico.

Além de servir na na área da Saúde, conseguia emprego para diversas pessoas, arbitrava questões como conciliador, organizava aposentadorias, ajudava as capelas, inclusive construindo a de São José, em Taperoá, e participava da comissão organizadora das festas de Padroeiros. Em emocionado depoimento a livramentense Dona Laurizete informou que:

Quando Zé Ribeiro chegava, o pavilhão da festa enchia (...) Um dia um senhor ajoelhou-se, em plena rua de Livramento para saudá-lo, beijando-lhe a mão (...) Papai, antes de morrer, deixou uma carta encomendando a família a Zé Ribeiro.

Diferentemente de tantos outros políticos da História paraibana, José Ribeiro de Farias inicia sua carreira alcançando logo o cargo de deputado estadual. Apesar de emergir da geração da Redemocratização de 1945, não se fez candidato a nenhum posto de imediato, porém, fundou em Taperoá o PSD, acompanhando Rui Carneiro a nível estadual.

A partir de então, fizera-se imponente o zerribeirismo pessedista em Taperoá, sempre travando duelo com a tradicional rival UDN, em cujo partido aglutinavam-se forças dos Marcionilo / Vilar / Simões. O populismo, típico desse período na política brasileira, também impregnado em Taperoá, serviu para que os Farias triunfassem na cadeira de prefeito e ainda arrancassem um assento para José Ribeiro na Assembléia Legislativa Paraibana por três vezes consecutivas.

A REDEMOCRATIZAÇÃO – ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1947 — A primeira Constituição da Redemocratização estendia eleições diretas a todo país, assim como foi res-

ponsável pela estruturação dos partidos políticos. Mediante conjuntura nacional, em Batalhão começou as formações das alas partidárias das quais atualmente, ainda existem políticos remanescentes. Os Farias, que foram o núcleo familiar responsável pela fundação do município e que estiveram no início do século XX, representados na Assembléia Estadual por Félix Daltro, além de terem sido influentes chefes políticos locais nas décadas de 1930-1940, abraçaram a sigla do PSD, sob a liderança municipalista de José Ribeiro de Farias.

A família Vilar, que no Império exerceu forte influência econômica e política, remanescente do perrepismo sufragado em 1930, seguiu a UDN encabeçada por Manoel Dantas Vilar, Sebastião Simões, Melquíades Vilar e o jovem Manoel de Assis Melo, representantes do coronelato exercido pelos grandes fazendeiros, como assim eram chamados.

Deu-se então a composição das chapas eleitorais. Zé Ribeiro indicou como candidato a prefeito seu primo Manoel de Farias Souza (Mandu), assim como outros parentes à vereança, além de alguns membros da família Vilar, residentes no distrito de Livramento, que seguiam o líder pessedista, a exemplo de Rivaldo Vilar de Carvalho, o qual, dada à emancipação do então distrito em 1959, consagrou-se ali como chefe daquela sigla.

A UDN compôs a chapa tendo à frente Marcos Vilar Suassuna, filho de João Suassuna, presidente estadual de 1924 a 1928, além de também parentes deste à vacância na Câmara, e de representantes de outras famílias que o apoiavam, como os Assis Melo, os Rodrigues Ferreira, os Fernandes Pimenta, dentre outras.

O sociólogo francês Jean Blondel, em seu trabalho *As condições da vida política do Estado da Paraíba*, considera que a UDN nasceu forte no interior, enquanto o PSD era mais litorâneo. É perceptível com os resultados do pleito municipal de 1947,

que o município de Taperoá foi uma das poucas exceções da citada regra, pois Mandu obteve 1.734 sufrágios, enquanto Marcos Vilar, 1105. Observa-se uma diferença de 629 votos de maioria para o PSD, fazendo ainda cinco dos sete vereadores eleitos e permanecendo o espaço legislativo composto apenas pelos pessedistas, vez que os dois udenistas eleitos se negaram a tomar posse.

1950: JOSÉ RIBEIRO DEPUTADO — O primeiro cargo político disputado por Zé Ribeiro se deu em meio à agitada e violenta campanha de 1950. Pessedista de nascença, apoiou esta chapa desde a Presidência da República à deputação estadual, que objetivava pela primeira vez.

No plano federal, a vitória de Getúlio Vargas era tida como certa, porém, em nível estadual, a disputa era acirrada, tendo em vista os dois nomes de peso que intentavam o Palácio da Redenção. Pela Coligação Democrática Paraibana concorria o ex-ministro e intelectual José Américo de Almeida, enquanto pela Aliança Republicana o candidato era o ex-governador Argemiro de Figueiredo.

Ambos estiveram em Taperoá participando de comícios. José Ribeiro montou palanque especial com o nome de José Américo em rosas, estampando o cenário da festa. Segundo seu Emídio Diniz, o destaque do mesmo ficou para a brilhante oratória americista, como também de Rui Carneiro, indicado ao Senado, e o próprio Zé Ribeiro que pedia aos taperoenses sufrágios para se tornar deputado estadual.

A afeição popular para com ele era de tal intensidade que, nesta campanha, no então distrito de Livramento ocorreu passeata em que, na linha de frente, desfilavam três jovens conduzindo bandeiras. Contou-nos Dona Laurizete que uma quarta



*JOSÉ RIBEIRO DE FARIAS INAUGURANDO
O CLUBE MUNICIPAL "CELSO MARIZ"*



*JOSÉ RIBEIRO DE MORAIS INAUGURANDO
O ESTÁDIO MUNICIPAL "O RIBEIRÃO"*



*JOSÉ RIBEIRO DE MORAIS INAUGURANDO
O PIAS DO MUNICÍPIO DE TAPEROÁ*



*JOSÉ RIBEIRO DE MORAIS INAUGURANDO
O PARQUE INFANTIL "TAIGYZINHO"*

jovem chorava por ficar fora da referida ostentação, consolada imediatamente quando lhe foi oferecido desfilar segurando a mão de Zé Ribeiro.

RESULTADO DAS ELEIÇÕES DE 1950 EM TAPEROÁ

PRESIDENTE	PARTIDO	VOTOS
Eduardo Gomes	UDN	1.372
Cristiano Machado	PSD	1.280
Getúlio Vargas	PTB	961

SENADOR	PARTIDO	VOTOS
Rui Carneiro	PL/PSD	2.265
José Pereira Lira	UDN	1.354

GOVERNADOR	PARTIDO	VOTOS
José Américo	PL/PSD	2.266
Argemiro de Figueiredo	UDN	1376

DEPUTADO FEDERAL	PARTIDO	VOTOS
Odívio Borba Duarte	PL/PSD	1.444
Fernando Nóbrega	UDN	1.156

DEPUTADO ESTADUAL	PARTIDO	VOTOS
José Ribeiro de Farias	PL/PSD	2.206
Lucas Vilar Suassuna	UDN	1.239

Como podemos observar pelo quadro acima, foi notória a fortaleza com que nasceu o PSD taperoaense, levando em consideração a vitória considerável obtida pelos candidatos apoia-

dos pelo chefe, além de lograr seu primeiro cargo político, salientando-se frente ao maior rival no município e no Estado. Lucas Vilar obteve 1888 votos, insuficientes para vitória, ao passo que Zé Ribeiro conseguiu 2582, sendo a maioria absoluta em suas raízes locais, cujo complemento adveio de

- João Pessoa (28),
- Santa Rita (01),
- Alagoa Grande (40),
- Esperança (02),
- Araruna (01),
- Cabaceiras (06),
- São João do Cariri (42),
- Soledade (44),
- Santa Luzia (02),
- Patos (57),
- Monteiro (29) e
- Teixeira (124).

Passamos muitos dias pesquisando nos arquivos da Assembléia Legislativa, para rastrear a atuação parlamentar do deputado José Ribeiro de Farias. Pelo que vimos e ouvimos em alguns depoimentos de contemporâneos do velho cacique, não era homem de tribuna, e sim, um deputado de feição assistencialista, pronto para servir notadamente ao homem sertanejo.

Além do assistencialismo, comum na política de seu tempo, assim como ainda hoje, Zé Ribeiro conseguia alocar recursos estaduais ou federais para a construção de obras nos municípios de sua atuação. Nesta legislatura concretizou as seguintes:

- a estrada em terraplenagem ligando Assunção a Livramento e Teixeira, via Taperoá (1951-1953);

- o Grupo Escolar da cidade de Juazeirinho;
- o Grupo Escolar do distrito de Assunção;
- o Grupo Escolar do distrito de Livramento; e
- o Grupo Escolar do Sítio Lagoa Queimada, em Taperoá.

VITÓRIA SEGUIDA DE RACHA - 1951 — Neste pleito municipal, já estava Zé Ribeiro empossado pela primeira vez na Assembléia Legislativa estadual, configurando-se como uma extensão do domínio do PSD do município, em nível estadual. Não sendo permitida a reeleição, Mandu teria que deixar a cadeira de prefeito para um sucessor. Foi então feito o convite, pelos chefes pessedistas, ao rico fazendeiro Adeodato Vilar, dissidente da UDN, para apresentar-se como candidato.

Tendo ele aceitado, saiu vitorioso pela legenda pessedista, com 1.909 votos sobre 1.374 obtidos pelo candidato da UDN, o ex-prefeito Abdon de Souza Maciel (1935-1939), restando a margem diferencial de 562 votos e elegendo-se ainda quatro dos sete vereadores.

Adeodato começou a barrar Mandu frente às posições administrativas, o que foi suficiente para a oposição aproveitar-se e articular situações que geravam fofocas, condicionando a figura do executivo a um “prefeito boneco”.

Datinho, como era conhecido, deu início à construção do mercado na praça João Pessoa, onde hoje se encontra edificado o posto da Telemar, obra vista pelos munícipes como por demais necessária, uma vez que o antigo havia sido demolido.

Segundo depoimento do sr. Emídio Diniz, Mandu não gostou da iniciativa do prefeito e mandou pará-la, fato este responsável pelo rompimento de Adeodato com os pessedistas locais. Uniu-se à oposição, nas pessoas dos Dantas, dos Melquíades, de Herman Cavalcanti e Manoel Marcionilo. Como saldo dos

fatos, ficou a cidade sem mercado, pois uma vez rompido não contava mais com o apoio do deputado José Ribeiro para a aquisição de verbas destinadas à conclusão do edifício, que ficou apenas na sapata.

1954: SEGUNDA DEPUTAÇÃO DE JOSÉ RIBEIRO —

Em 1954, por ocasião das eleições para renovação de dois terços do Senado, além das Câmara Federal e da Assembléia Legislativa, Zé Ribeiro conseguiu reeleição para seu segundo mandato consecutivo na Casa de Epitácio Pessoa. Enfrentou diretamente, em Taperoá, a candidatura de Lucas Vilar Suassuna (UDN), repetindo o pleito de 1950. Desta feita, ambos foram vitoriosos, sendo o udenista majoritário no Estado ao passo que na esfera local o pessedista foi hegemônico. Além dos 2344 votos arrancados em Taperoá, Zé Ribeiro logrou votação em

- João Pessoa (25),
- Pilar (01),
- Campina Grande (38),
- Esperança (18),
- Cabaceiras (05),
- São João do Cariri (97),
- Soledade (32),
- Cuité (12),
- Picuí (01),
- Santa Luzia (04),
- Patos (25),
- Teixeira (51),
- Princesa (01),
- Bonito (02),
- Cajazeiras (02),
- Sumé (22) e

■ Pirpirituba (02).

Para o Senado, Zé Ribeiro indicou os nomes de Assis Chateaubriand (PSD, 2.445 votos) e Virgínio Veloso Borges (PL, 2.412 votos), vencendo os candidatos udenistas Argemiro de Figueiredo (1631 votos) e João Arruda (1619). Vitoriou ainda com o candidato à Câmara Federal, José Joffily (PSD), que suplantou o udenista Rafael Correia de Oliveira (1501 x 1138).

Nessa legislatura, destacou-se com os seguintes projetos:

■ Posto de Puericultura (PIAS) de Taperoá;

■ Projeto de Lei N° 57/1955 que reconhece de utilidade Pública a Escola Técnica de Comércio “Professor Minervino Cavalcanti”, de Taperoá”. O referido projeto foi encaminhado à Comissão de Legislação e Justiça com parecer favorável do presidente Luiz Bronzeado e do relator Lucas Vilar Suassuna.

■ Projeto de Lei N° 52/58, que autoriza o Governo do Estado a assumir a responsabilidade solidária de empréstimo a ser contraído pela Prefeitura de Taperoá com o Banco do Nordeste no valor de um milhão de cruzeiros destinados à ampliação da iluminação pública de Taperoá e à instalação da usina de luz de povoado de Estaca Zero (Assunção). O projeto de lei foi encaminhado a Comissão de Legislação e Justiça, obtendo parecer favorável do Presidente Antonio Nominando Diniz.

“PACIFICAÇÃO” APARENTE — O ano de 1955 representou para a política paraibana a “união” das três grandes lideranças do movimento de 1930: José Américo de Almeida, Argemiro de Figueiredo e Rui Carneiro, após disputas eleitorais de 1945, com José Américo e Argemiro contra Rui e, em 1950, com José Américo e Rui contra Argemiro.

Em trabalho por nós realizado para o Concurso Literário da Fundação Ulysses Guimarães, quando biografamos Argemiro

de Figueiredo, chegamos à conclusão de que a chamada “Pacificação de 1955” foi articulada pelos três líderes de 1930 a fim de barrar a candidatura de João Agripino ao Governo do Estado, possivelmente vitoriosa. A chapa desta feita saiu em cabeça pelo udenista Flávio Ribeiro Coutinho com o vice pessedista Pedro Gondim, enfrentando sem maiores problemas a candidatura da esquerda conduzida pelo advogado Renato Bastos.

Tranquila a vitória da chapa do acordo, não seria diferente em Taperoá, onde as duas maiores lideranças locais carimbavam, com seus poderes de indicação, o tradicional apoio às oligarquias estaduais.

O resultado não podia ser outro senão o esmagamento da esquerda, no interior mais que na capital, sempre confundida como “badermeiros”, “agitadores”, “comunistas do diabo”. O candidato da “Pacificação” obteve 2.689 votos em Taperoá contra apenas 71 que preferiram optar pela chapa que reagiu ao acordo.

Para Presidente da República o resultado foi o seguinte: Juarez Távora (UDN) – 999 votos; Juscelino Kubitschek (PSD/PTB) – 2.075 votos; para vice, Milton Campos (UDN) – 807 votos e João Goulart (PTB) – 2.094 votos. Nesse particular, nota-se o peso da liderança zerribeirista em Taperoá, pois, a nível nacional não havia a “Pacificação” que ocorrera na esfera estadual, cujos candidatos por ele apresentados aos taperoaenses saíram consideravelmente vitoriosos.

O município, obedecendo a decisões superiores, lançou chapa única para Prefeito, como resultado também da aliança entre pessedistas e udenistas. Por ser o PSD de força maior, haja vista o poder do deputado Zé Ribeiro junto a Rui e José Américo, foi reservado a cabeça da cédula a sua escolha que indicou para prefeito Manoel de Farias Souza (Mandu) e a vice Luiz Julo Fragoso, representante da UDN, que juntos obtiveram uma

margem de 2.652 sufrágios.

Neste pleito, apesar das forças estarem juntas na chamada “Coligação Democrática Taperoaense”, evidencia-se que o poder do PSD não se sentiu abalado, uma vez que estava projetado pela força de Zé Ribeiro junto aos seus chefes estaduais podendo sobrepor-se a indicação do prefeito, além de ter eleito a maioria na Câmara Municipal.

“A BARAÚNA DO CARIRI” DE NOVO NA ASSEMBLÉIA DA PARAÍBA — Em 1958, a conjuntura política paraibana sofria mais um revés. Naquele ano, abria-se vaga para 1/3 do Senado Federal, disputada por dois nomes da “Pacificação de 55”: José Américo contra Rui Carneiro, este com o apoio do já senador Argemiro de Figueiredo.

Daí notamos a fragilidade do acordão de 1955, cuja decomposição colocava novamente as três lideranças de 1930 em caminhos opostos. Taperoá, enquanto esfera municipal, acompanhava sempre a movimentação política advinda de cima.

A “Pacificação” não seria menos aparente naquele município do que no Estado, tendo em vista o acirramento e a discrepância existentes entre as famílias Farias e Vilar, desde a fundação da povoação de Batalhão. Assim sendo, Taperoá passou a assistir novamente a duelos eleitorais que punham de um lado pessedistas de Zé Ribeiro e do outro udenistas de Manoel Marcionilo.

Em 1958, o velho cacique pessedista se candidatara pela terceira vez à deputação estadual. Organizou Comício de frente à sua residência, apoiando Rui Carneiro para o Senado e José Joffily à Câmara Federal. Manoel Marcionilo montou palanque para José Américo, também defrente à sua casa, na qual hospedou o autor de *A bagaceira*.

Segundo depoimento de *seu* Emídio Diniz, o acirramento dos discursos em comícios era tamanho que levou a uma discussão pública entre José Américo e Mandu Farias numa quarta-feira, no distrito de Livramento. Não houve violência física, apenas ofensas morais de ambas as partes. O arrazoado do ex-ministro, respondendo ao pessedista taperoense, encontra-se transcrito em *Taperoá: Crônicas para sua História*, livro recentemente publicado por Dorgival Terceiro Neto.

Em Livramento, Zé Ribeiro fora apoiado pelo chefe pessedista Rivaldo Vilar; no distrito de Estaca Zero (hoje Assunção), por José Francisco Júnior, Heleno Rufino, Balduino Balbino e João Evangelista Correia.

A disputadíssima vaga de senador ficou para o pessedista Rui Carneiro, encerrando assim, a carreira política de José Américo. Em Taperoá, o primeiro vitoriou sobre o segundo, com 2.302 votos contra 1.206. José Joffily logrou 1.362, suplantando o udenista Luiz Bronzeado com apenas 766.

O deputado e candidato Zé Ribeiro enfrentou desta feita o udenista taperoense Egídio Madruga. No Estado, este levou a melhor (2849 x 2258), porém, em nível local, o pessedista salientou-se (2545 x 842)!

Além de Taperoá, que sempre era a mola mestra dos votos de Zé Ribeiro, ele ainda desfrutou de complemento em

- João Pessoa (40),
- Santa Rita (01),
- Ingá (04),
- Alagoa Grande (01),
- Areia (06),
- Alagoa Nova (02),
- Caiçara (03),
- Campina Grande (42),

- Cabaceiras (01),
- São João do Cariri (38),
- Soledade (53),
- Picuí (03),
- Santa Luzia (03),
- Patos (11),
- Teixeira (88),
- Pombal (02),
- Itaporanga (01),
- Catolé do Rocha (02),
- Cajazeiras (01) e
- Sumé (07).

Seguem-se proposições do deputado Zé Ribeiro em sua atuação parlamentar dessa legislatura:

■ Assinou, juntamente com o deputado João Batista de Lima Brandão, o Projeto de Lei nº 422/59, que criava o município de Livramento, desmembrado de Taperoá. O referido Projeto foi retirado de pauta a pedido do deputado Antônio Montenegro. Voltando a Plenário foi encaminhado à Comissão de Justiça e Negócios Municipais, sendo sancionado pelo governador Pedro Gondim como Lei nº. 2.625/61.

■ Projeto de Lei nº. 168/1961, que reconhecia de Utilidade Pública e subvencionava a Sociedade de São Vicente de Paulo da Vila de Livramento. Enviado à Comissão de Justiça, foi devolvido ao deputado José Ribeiro para a junção de documentos exigidos pela legislação em vigor, sendo sancionado pelo governador Pedro Gondim como Lei nº. 2.625/61.

■ Projeto de Lei nº. 189/61, que autorizava o Poder Executivo a conceder um auxílio de um milhão e quinhentos mil cru-

zeiros para conclusão dos trabalhos da Maternidade Municipal de Taperoá. Foi encaminhado à Comissão de Finanças, Orçamento e Tomada de Contas, sendo favorável o parecer do presidente Mário Silveira e sancionado como Lei nº. 2.626/61.

■ Projeto de Lei nº. 219/1961, que autorizava o Governo do Estado a construir uma cadeia pública na vila de Livramento. Enviado à Comissão de Produção e Obras Públicas, obteve parecer favorável do presidente Nivaldo Brito e do relator Petrônio de Figueiredo, sancionado como Lei nº. 2743/61.

■ Projeto de lei nº. 220/1961, que autorizava a construção de grupo escolar na Rua São José, na cidade de Taperoá. Enviado à Comissão de Produção e Obras Públicas, obteve parecer favorável do presidente Nivaldo Brito e do relator Petrônio de Figueiredo; foi sancionado como Lei nº. 2755/62.

■ Projeto de Lei nº. 221/1961, que criava o Ginásio Estadual de Taperoá, com treze cargos de professores catedráticos, um diretor, um secretário e outros funcionários, que seria instalado na Escola “Félix Daltro”. O projeto foi vetado pelo governador Pedro Gondim, sob a justificativa de que o município ainda não dispunha de dados demográficos suficientes para a implantação do Ensino Médio, além de o tesouro encontrar-se sobrecarregado com despesas do reajuste do funcionalismo público e outros encargos com o plano administrativo do atual governo.

■ Projeto de Lei nº. 50/1962, que concedia Auxílio de Cr\$ 500.000,00 à Escola Comercial “Professor Minervino Cavalcante”. Enviado à Comissão de Finanças, obteve parecer favorável do relator Luiz Ribeiro Coutinho.

Em 1959, o deputado José Ribeiro de Farias encaminhou à sede do jornal *A União* os concluintes da Escola “Professor

Minervino Cavalcante”, em companhia do diretor Adonias de Queiroz Melo e do Secretário Municipal Aluísio Trindade, sendo recepcionados pelo professor Josué Gomes da Silveira no Gabinete da gerência do órgão oficial de Imprensa do Governo do Estado.

VENCENDO TAMBÉM NA PREFEITURA — Nas eleições municipais de 1959, quando já não estavam as forças estaduais unidas, repetiu-se a problemática da sucessão, vez que Mandu não poderia ser reeleito, restando a indicação do seu sócio, Aprígio Pinto Barbosa, representando a sigla de Zé Ribeiro, enquanto a UDN teve como candidato o médico Abdias da Silva Campos, com estreitas ligações com a família Vilar. Mais uma vez saiu vitorioso o PSD, com 2.262 votos sobre 977 da UDN, destacando-se, nesta, uma margem superior às anteriores, de 1.285 sufrágios, e fazendo cinco dos sete vereadores.

Entretanto, mais uma vez ocorreu o cisma por parte do prefeito eleito, quando por ocasião de uma briga pessoal entre Mandu e Aprígio, que eram sócios no comércio, deu-se o rompimento desse com aquele, que se aliou aos derrotados udenistas para gerenciar sua gestão. À falta de apoio estadual, a gestão de Aprígio transcorreu sem maiores realizações.

1960: JOSÉ RIBEIRO FIEL A RUI CARNEIRO — Em 1960, houve disputa interna no PSD paraibano. Pedro Gondim, que ocupava a governadoria por ocasião da morte do titular Flávio Ribeiro, não abria mão da candidatura à reeleição. Esta era também pretendida por Janduhy Carneiro, tendo Pedro saído do partido a fim de enfrentar esta candidatura pelo PDC coligado à UDN.

Zé Ribeiro sempre fora fiel a Rui Carneiro. Biografando Rui

para a série “Paraíba - Nomes do Século”, publicada pelo jornal *A União*, Rafael Carneiro Arnaud cita os fiéis seguidores da cartilha política e da amizade pessoal do ruísmo, e nesta lista consta o nome do cacique pessedista José Ribeiro, sempre visitado por Rui ao passar em Taperoá.

Seguindo o princípio da fidelidade, os pessedistas taperoenses apoiaram a candidatura de Janduhy Carneiro ao governo do Estado. Como em pleitos passados, os candidatos de Zé Ribeiro dificilmente resultariam derrotados. O irmão de Rui Carneiro obteve 2.110 votos, rechaçando o gondinismo local, que, com o aval do udenismo taperoense, obteve apenas 1.296.

Para Presidente da República, Zé Ribeiro vitoriou com Henrique Teixeira Lott (1.718 votos), derrotando Jânio Quadros (1252). Lott e Janduhy foram derrotados em níveis federal e estadual, porém vitoriosos na área local, comandada por quem sabia vencer. Era Zé Ribeiro que vencia, confundido com eles.

DESPEDINDO-SE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

— Nas eleições de 1962, Zé Ribeiro tentara seu quarto mandato consecutivo na Assembléia Legislativa da Paraíba. Em Taperoá, foi sufragado maciçamente, arrancando 2.309 votos contra apenas 984 de Egídio Madruga. No Estado, porém, Egídio foi mais bem votado, com 3.350 contra 2.855 de Ribeiro, votação insuficiente para mais uma deputação.

A liderança de José Ribeiro em Taperoá se mostrava mais consolidada do que nunca. O candidato a deputado federal pelo PSD, Abelardo Jurema, obteve 1.386 votos contra 431 do udenista Raul de Góes. Para o Senado, a dupla Drault Ernani e Argemiro de Figueiredo manteve hegemonia sobre João Agripino e João Arruda. Destarte, a derrota de Zé Ribeiro para deputado deve ser vista, em nível estadual, em função da compe-

titividade maior entre vários candidatos e carência mais intensa na quantidade de sufrágios. Ribeiro não se candidataria mais a deputado durante a Democracia Populista. Viria a fincar ainda mais sua liderança patriarcal no município que nasceu, viveu e comandou com habilidade.

Pela segunda vez, Zé Ribeiro frustrou-se pela indicação do nome que lhe representaria no seu município na cadeira de prefeito. Talvez por este fato e também por não ter conseguido se reeleger como deputado estadual pela quarta vez foi que na eleição municipal de 1963, saiu ele mesmo candidato a prefeito de Taperoá, concorrendo com o latifundiário Manoel de Assis Melo (Manoel Marcionilo).

O ex-deputado abraçara neste pleito, o prazer de ser prefeito de sua gente pela primeira vez, obtendo 1.806 votos contra 1.413 do Marcionilo. Não obstante vitória no executivo, a mesma não se repetiu no legislativo, isso por a UDN ter conseguido, pela primeira vez, eleger cinco das sete cadeiras na Câmara.

Apesar da oposição estadual, Zé Ribeiro teve o prazer de fazer muito pela sua terra. Construiu o atual Mercado Público (1300 m de área coberta), calçou diversas ruas, iniciou a construção do conjunto habitacional Vila Popular em convênio com a SUDENE e o Governo do Estado, além de outros com a SAELPA e a CAGEPA. Construiu ainda a Escola “Ismênia Machado”, (atual “Melquíades Vilar”), em convênio com os Governos do Brasil-EUA, Governo do Estado e SUDENE, através do Programa “Aliança para o Progresso”.

MILITÂNCIA EMEDEBISTA E DITADURA MILITAR

— Nas últimas eleições com os partidos da Democracia Populista, Zé Ribeiro apoiou e venceu com Rui Carneiro para governador, eleito em Taperoá, porém, derrotado por João Agri-

pino no plano estadual. Assinado o AI-2 no governo Castelo Branco, extinguindo os treze partidos políticos e instituindo o bipartidarismo, organizaram-se a ARENA e o MDB, governo e oposição, respectivamente.

Na Paraíba, a ARENA se compôs com a UDN, o PDC, o PL, e pequena presença do PSD e PTB, enquanto que para o MDB caminharam a oposição estadual, configurada na maioria do PSD ruista; do PTB argemirista; e do PR, além do PSB.

Dentro do panorama nacional e estadual, caminhou Zé Ribeiro com os seus para o lado de Rui Carneiro e Argemiro Figueiredo, enquanto a oposição local abraçou a ARENA de João Agripino e Ernani Sátiro.

Em 1966, José Ribeiro de Farias vitoriou com Rui para o Senado (2.489 votos) sobre Aluísio Campos (1.863).

Para a Câmara dos Deputados, Flaviano Ribeiro Coutinho Filho (ARENA) obteve 1.397 votos, enquanto Janduhy Carneiro (MDB) 1.343.

Para a Assembléia Legislativa, José Ribeiro apoiou o grande taperoense Balduino Léllys de Farias (1.897 votos) sobre Egídio Madruga (1.609). O candidato de Zé Ribeiro foi bem votado no plano local, mas derrotado a nível estadual, assim como seu opositor.

PRIMEIRA ELEIÇÃO LOCAL NO MDB – DERROTA DE ZÉ RIBEIRO — Três anos depois, nas primeiras eleições municipais sob a nova sigla, Zé Ribeiro sofreria a primeira derrota, quando o candidato Mandu Farias foi vencido pelo opositor Manoel Marcionilo.

Isto só foi possível graças ao somatório das sublegendas, uma vez que neste pleito concorreram duas chapas pelo MDB e duas pela ARENA, resultando na maioria desta última. Merece

destaque para tal feito o fato do governador João Agripino ter investido forte para a derrota de Zé Ribeiro em Taperoá além dos votos advindos de dois ex-prefeitos pessedistas rompidos com esse: Adeodato Vilar e Aprígio Pinto.

A derrota se caracterizou como ainda mais forte por também não ter sido eleita a maioria dos vereadores emedebistas (4 x 3), dificultando ainda mais as manobras políticas do cacique. No dia 15 de novembro de 1968, quando se deu o resultado desfavorável aos emedebistas, estes se retiraram em caravana para a cidade de Juazeirinho, a fim de comemorarem a vitória de Pedro Marinheiro, líder do MDB local, ficando Zé Ribeiro, em Taperoá, a amargar a derrota comemorada pelos adversários.

DÉCADA DE 1970 – VITÓRIAS E GOLPE INTERVENCIONAL — Em 1970, quando os candidatos emedebistas ao Senado, Argemiro e Humberto Lucena, perdiam em grande parte dos municípios paraibanos, venciam em Taperoá.

José Ribeiro de Farias também apoiou e vitoriou com José Alves de Lira para a Assembléia Legislativa. Não dispomos do resultado desse pleito por não existirem os respectivos arquivos do TRE. Após dois anos fora da Prefeitura Municipal, José Ribeiro já ensaiava o ressurgimento, que viria no próximo pleito municipal, quando reconquistou o controle daquela edilidade.

Mesmo tendo perdido a eleição municipal passada, no outro dia já estava trabalhando. Vitorioso ou não, saía agradecendo os votos obtidos.

Nas eleições para prefeito, em 1972, ao contrário do que acontecera na anterior, a sublegenda não causou prejuízo eleitoral. Zé Ribeiro preocupou-se em reverter o quadro, pois seu principal objetivo era ter o comando da municipalidade de volta. Para tanto saiu ele próprio candidato a prefeito pelo MDB-

1, dispondo o MDB-2 ao seu representante no distrito de Asunção, José Francisco Júnior. Já a ARENA, no seu primeiro plano, dispôs do agropecuarista e empresário Odo Vilar e, pela sublegenda, José Vilarim Meira, que juntos obtiveram apenas 2.008 votos, suplantados pelos 2.593 de Zé Ribeiro e José Francisco, fazendo ainda quatro cadeiras legislativas.

Foi uma grande vitória para a “Baraúna do Cariri”, pois conseguiu retornar à casa executiva, tirada de suas mãos na eleição anterior. É de suma importância lembrarmos que tal sucesso eleitoral se deu em meio a uma ditadura sustentada no plano estadual pelo governador biônico Ernani Sátiro. As comemorações foram grandes pelas ruas da cidade e o povo bradava a seguinte marcha:

*Daqui não saio,
daqui ninguém me tira
Odo Vilar, onde vai parar?
Perdeu dinheiro,
os óculos que deu ao povo,
Ribeiro voltou de novo,
isto é de amargar...*

Em 1974, Rui Carneiro foi vitorioso para Senador, obtendo 2.647 votos em Taperoá, suplantando os 1.913 do arenista Aluizio Afonso Campos. Indicou aos taperoaenses, mais uma vez, o nome de José Alves de Lira para a Casa de “Epitácio Pessoa” e de Octacílio Nóbrega de Queiroz para a Câmara Federal.

No pleito de 1976, Zé Ribeiro conhece como sucessor o seu vice da última gestão, José Vilar, que concorreu contra o maior representante arenista local, naquele momento, Manoel de Assis Melo (Marcionilo). Como resultado, o primeiro logrou 2.813

votos sobre 2.520 do segundo, com margem diferencial de 303 sufrágios. Não obstante a vitória, José Ribeiro de Farias ficou sem maioria na Câmara Municipal, conseguindo eleger apenas três vereadores, sendo, os quatro restantes, arenistas.

Tal fato foi relevante para os acontecimentos futuros, responsáveis pela derrocada do MDB nesta gestão, culminada com a determinação do governo Burity de Intervenção Municipal.

Consoante depoimento da sra. Maria Guedes Guimarães, o referido gestor chegou a executar obras como o calçamento da Rua Solon de Lucena e da Praça João Pessoa e a construção da Escola “Odacy Vilar”.

Mas o atraso de pagamento do funcionalismo público o fez cair em desgaste e ser alvo de severas críticas, pondo o partido em maus lençóis, o que preocupou o velho cacique, o qual o orientou a renunciar.

De início, Zé Vilar descartou a possibilidade, até que, em 22 de agosto de 1980 seu vice, Manoel de Farias Souza Filho, toma assento na cadeira de prefeito, o que não foi necessário para sossegar os arenistas sedentos de poder.

Estes foram atendidos pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity, que decretou intervenção municipal, nomeando como interventor o bacharel filho de Manoel Marcionilo, José de Assis Queiroz. Zé Ribeiro sofre o quarto golpe em nível municipal, porém mantinha-se firme na convicção do retorno.

Em 1978, o senador majoritário foi Humberto Lucena (MDB) – 2.408 votos – contra 1.751 do arenista Ivan Bichara. Os deputados federais mais votados, nesse pleito, em Taperoá foram Octacílio Queiroz (MDB) – 1.152 votos e Antônio Mariz (ARENA) – 1.123 votos. Os estaduais eram Egídio Madruga (ARE-

NA) – 1.380 votos e Álvaro Andréa (MDB) – 1.023 votos e José Lira (MDB) – 704.

DÉCADA DE 1980: ÚLTIMAS ELEIÇÕES E MORTE DE ZÉ RIBEIRO — 1982 – A SEGUNDA DERROTA MUNICIPAL — Nesse pleito, estava a oposição à Zé Ribeiro consagrada, por encontrar-se no poder em parceria com o governo estadual, o que possibilitou o então interventor fazer considerável administração. Como candidato, agora já na sigla do PDS, foi indicado o nome do ex-vereador José de Assis Pimenta, enquanto, pelo PMDB, saíra a “Baraúna do Cariri”.

Era uma estratégia que já havia dado certo na de 1972, para conseguir o poder de volta. Realmente, era ele o nome mais indicado, porém não fôra suficiente para devorar os pedessistas estabilizados com o governo Burity.

Zé Pimenta obteve 2.925 votos, enquanto Ribeiro apenas 2.531 sufrágios, sendo 394 a maioria que dera a vitória ao PDS. Foi também esta eleição a primeira que estabeleceu nove cadeiras na Casa Legislativa, cinco das quais reservadas ao PDS.

Um fato que pesou negativamente para o peemedebista foi ter que responder a 20 processos na Justiça, impetrados pela oposição, como forma de desestabilizar a campanha. Sempre estava fora do município a responder tais cometimentos, ficando, assim, sem muito tempo para campanha.

Nesse mesmo ano, quando do retorno das eleições diretas para Governador do Estado, após reforma partidária que extinguiu o bipartidarismo, coube a José Ribeiro o comando do PMDB e, a Manoel Marcionilo, o do PDS, repetindo a seqüência da rivalidade histórica UDN/PSD, ARENA/MDB e PDS/PMDB.

Nesse ano, Zé Ribeiro passou por alguns dissabores eleitorais. Perdeu em Taperoá, com Mariz para governador (2.649 x

2.816), sendo Wilson Braga, o vitorioso; com o Senador Pedro Gondim (1.478) contra 1.706 de Marcondes Gadelha; porém, ainda venceu com Ney Suassuna – 1.036 votos – sobre 735 do pedessista Amir Gaudêncio. Foi derrotado ainda para deputado federal, em que Octacílio Nóbrega de Queiroz (PMDB) obteve 1.371 votos contra 2.322 do pedessista Tarcísio Burity. E, para finalizar, perdeu para estadual com José Lira (PMDB) – 1.589 votos contra 1.843 de Egídio Madruga (PDS).

Estas derrotas devem ser entendidas no contexto estadual e federal, onde a atuação do PDS era majoritária e passou a influenciar os municípios. Era uma derrota do PMDB, a grosso modo, como bem analisa o historiador José Octávio em *O Estado na Paraíba: Da formação à crise* (2000).

ELEIÇÃO DE 1986: REGRESSO DAS VITÓRIAS —

Em 1986, Zé Ribeiro participava da última eleição em nível federal e estadual. Recuperou todas as vitórias que sempre estiveram presentes em sua trajetória, ausentes, entretanto, no pleito passado. O Candidato a governador Tarcísio Burity (PMDB) venceu a Marcondes Gadelha (PDS); os Senadores Humberto Lucena e Raimundo Lira obtiveram, respectivamente, 3.607 e 3.550 votos, contra 2009 de Wilson Braga e 1.692 de Maurício Brasilino. Antônio Mariz (PMDB), com 1.090 votos, foi o deputado federal majoritário, contra Salomão Gadelha (PDS) – com 888. Para deputado estadual, José Lira (PMDB) logrou 1.095 votos e Antonio Ivo 477, sobre 839 de Fernando Milanez e 706 de Egídio Madruga.

Em recente publicação, Bertino Nóbrega de Queiroz, biografando o pai, Octacílio Nóbrega de Queiroz, aponta a estreita ligação política existente entre este e o líder taperoaense. Cita que nessa eleição, Octacílio chegou atrasado a Taperoá, pois

Zé Ribeiro, de cama, doente, não pôde se comprometer mais com aquela candidatura, visto já haver fechado com Antônio Mariz para a Câmara Federal. Mesmo assim, ainda dispôs de um vereador para angariar votos em prol de Octacílio.

A CAMPANHA DO TENENTE CONTRA O DOUTOR: 1988 — Na eleição de 1988, o povo elegia, mais uma vez, o prefeito e os vereadores que comandariam o Executivo e o Legislativo nos próximos quatro anos. Taperoá assistiu a um pleito bastante disputado, no qual o (P)MDB lançava os substitutos de seu velho cacique.

José Ribeiro de Farias, o hábil arquiteto de numerosos projetos na arte da política, sempre estivera a par dos nomes de possíveis prefeitáveis e vices que ousassem disputar, pelo (P)MDB, a Prefeitura de Taperoá. Nesse particular, ele, já idoso começou a articular metodicamente um nome forte ante a opinião pública para concorrer à chefia do Executivo no pleito de 1988.

Tarcísio Burity, então eleito pelo (P)MDB, parecia querer agradar a gregos e troianos simultaneamente. Amigo pessoal da “família Marcionilo”, mas politicamente ligado ao partido de Zé Ribeiro, o então governador ofereceu a este o cargo de diretor da Escola “Melquiades Vilar”, cujo requisito prioritário solicitado para o exercício deste era o nível de graduação.

Zé Ribeiro, então, trouxe de Campina Grande Maria do Socorro Dias de Toledo Farias, um nome que atendia às exigências do pretendido cargo.

Afinal, era um fato que há décadas não ocorria, visto que tais nomeações sempre estiveram direcionadas aos “Marcionílio”, que tiveram no Estados Governadores de seu partido. Com Socorro também veio o Tenente do Exército Luís

José Monteiro de Farias (Lula), figura que se recobriria de grande popularidade.

O (P)MDB enfrentou nesta campanha o advogado José de Assis Queiroz, filho do líder político Manoel Marcionilo, que formou chapa ao lado de Martinho Mota, grande comerciante de estivas da região, e que, juntamente com seus candidatos a Vereador, formaram uma coligação dos partidos PDS/PL.

A oposição, não obstante ter de lutar contra a máquina administrativa da Prefeitura, apoiou-se em nomes como o combativo deputado Antônio Ivo de Medeiros e os Constituintes Antônio Mariz e Edvaldo Mota. E ainda o agrônomo Suetônio Vilar e os fazendeiros Manoelito Dantas e Antônio Vilar.

No contexto político das eleições de 1988, nasceram os tão famosos apelidos que ainda hoje dão nomes aos militantes dos partidos políticos nesta cidade. Todos que seguem o (P)MDB são chamados de “juremeiros”, enquanto os que lhe fazem oposição são os “cururus”.

O primeiro apelido nasceu ideologicamente no interior do PDS, quando membros deste, não aceitando José Ribeiro de Farias como a “Baraúna do Cariri”, como muitos o consideravam, afirmavam que o mesmo não passava de uma jurema, simples e menos forte que a baraúna.

A resposta do (P)MDB sobreveio de imediato. Além de transformar a jurema em símbolo do partido, na qual faziam uma visão inovadora de árvore forte e resistente à seca, os peemedebistas chamaram seus adversários de “cururus”, associando a teimosia deste animal em sempre querer ficar no mesmo local quando tangido por alguém, à mesma teimosia dos pedessistas em sempre permanecer no poder.

O ÚLTIMO COMÍCIO, A MORTE DE ZÉ RIBEIRO E A VITÓRIA DE LULA — Quando da aproximação do pleito, o (P)MDB articulou seu último comício. Defronte à rodoviária ergueu-se um superpalanque, à espera de várias lideranças que apoiavam sua chapa. E vieram Antônio Mariz, Ronaldo Cunha Lima, Humberto Lucena, todos peemedebistas. No entanto, a ausência repentina do governador Tarcísio Burity começou a matar de desgosto o velho cacique José Ribeiro.

Burity, mesmo do (P)MDB, mantinha laços de amizade com os Marcionilos e, se não os apoiou para a Prefeitura de Taperoá, também não subiu no palanque de Zé Ribeiro, para não desgostar seus amigos. Assim, entre o partidarismo e o personalismo, preferiu ficar em cima do muro e fingir estar afônico para não ter que vir a Taperoá nesse dia. A candidatura da coligação PDS/PL regozijava-se por causa da ausência do Governador e ainda argumentava o peso positivo para eles do malogro empreendido por Burity para com os peemedebistas.

A partir de então, José Ribeiro — decepcionado, mas não descrente na possível vitória — marchou para os últimos dias aqui na Terra, sofrendo uma queda que, após cirurgia, custou-lhe a vida. Faleceu no dia 12 de novembro de 1988 quando faltavam apenas três dias para a realização da eleição. Se estivesse vivo, certamente teria visto mais uma das tantas vitórias de sua carreira.

O velório e o sepultamento do octogenário mestre do (P)MDB de Taperoá ocorreram em proporções de fidelidade e amizade de larga proporção. O choro popular, a presença de lideranças renomadas do Estado da Paraíba, a decolagem, pela primeira vez, de três aviões no humilde campo de aviação, as cartas, mensagens, poesias, são alguns dos ingredientes que constituíram o adeus de José Ribeiro às terras de Taperoá.

Sem ele na ativa e faltando apenas três dias para a eleição, despontaram os rezadores e seguidores de sua cartilha política. Lula, Socorro e Geraldo, suas crias, vitoriam com uma maioria de 912 votos na frente de Dr. José de Assis Queiroz, além da eleição de cinco das nove vagas existentes na Câmara Municipal. De luto, o (P)MDB de Taperoá não comemorou a vitória: apenas seguiu-se uma passeata silenciosa para abraçar o túmulo e oferecer a vitória a seu inesquecível líder.

A vitória de Lula deve ser entendida no contexto de uma conjugação de fatores que o favoreceu. Entre esses, a ânsia de mudanças solicitadas pela população, o projeto de classes média e baixa assumido em campanha, a falta de credibilidade do governo José Pimenta e o forte apoio dado pelo ex-deputado José Ribeiro de Farias.

Getúlio Vargas, mesmo morto, ainda comandou os destinos políticos do Brasil por dez anos, adiando o golpe militar para 1964. José Ribeiro foi mais além, pois já são doze anos que, mesmo do túmulo, ainda dirige Taperoá, quando sempre é citado pelos seus sucessores, que andam pondo em prática o que aprenderam com o velho tio.

Sua morte serviu para unir ainda mais os “juremeiros”. Ele passou a ser um mito ao qual o povo adorava e em tal circunstância para eles votar em Lula era o mesmo que votar em Zé Ribeiro. Assim expressou-se um dos mais antigos eleitores do município, antes da eleição, para a reportagem do jornal O Norte de João Pessoa: “Afinal, os homens passam, mas suas idéias ficam”. O poeta popular João Luís de Brito compôs poesia que falava da chegada de Zé Ribeiro ao céu. Em algumas estrofes ele apresenta o sucessor de José Ribeiro, nos seguintes termos:

São Pedro abriu as portas

*e mandou José entrar,
aí lhe deu uma cadeira
e mandou ele sentar.
Daí perguntou São Pedro:
Como vão as coisas lá?
E José lhe respondeu:
— Eu deixei Taperoá
Hoje vim aqui ao Céu
que Jesus mandou chamar,
Mas pra poder vir pra qui
Deixei Lula em meu lugar.*

Liderança de Tabelionato descrita pelo francês Jean Blondel, José Ribeiro de Farias foi arquiteto hábil na política, sabendo agradar o povão e o conquistar com trabalho e assistencialismo. Para concluir, tomemos as palavras do escritor Cristino Pimentel:

“É muito querido no seu município. Pacato, bom de natureza, gordo e rico, chefia com muito critério a política governista de Taperoá. Elege quem quer. É um sultão, sem harém”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIMENTEL, Cristino. Pedacos da História da Paraíba. João Pessoa, Ed. Teone Ltda, 1953.

ARNAUD, Rafael Carneiro. Paraíba: Nomes do Século. João Pessoa, Ed. A UNIÃO

MELLO, José Octávio de Arruda (Org) História e Debate na Assembléia da Paraíba. João Pessoa, 2002.

_____ O Problema do Estado na Paraíba: Da formação à Crise. EDUEPB, 2000.

BLONDEL, Jean. As Condições da Vida Política no Estado da Paraíba. 2 ed. João Pessoa: Assembléia Legislativa da Paraíba, 1994.

QUEIROZ, Bertino Nóbrega de. Tempos de Octacílio Queiroz. João Pessoa, EDUF/PB, 2000.

TERCEIRO NETO, Dorgival. Taperoá: Crônicas para sua História. João Pessoa, Ed. Unipê, 2003.

Projetos de Leis arquivados na Assembléia Legislativa da Paraíba.

Livros de Atas e Projetos de Leis arquivados na Câmara Municipal de Taperoá.

Resultados eleitorais arquivados no Tribunal Regional eleitoral da Paraíba (TRE)

Arquivo particular de José Ribeiro de Farias, hoje em poder da família para instalação do Memorial José Ribeiro.

DEPOIMENTOS PESSOAIS

Emídio Diniz

Ceci Moura Padilha

Rivaldo Vilar de Carvalho

Maria Guedes Guimarães

Laurizete

Reuza Ribeiro

Maria do Socorro Dias Toledo de Farias.